



Análise econômica exploratória da olivicultura no Brasil e Espanha *Exploratory economic analysis of olive growing in Brazil and Spain*

Luiz Clóvis Belarmino¹, Margarita Pabsdorf Navarro²,
Lucas Costa³, Ângela Rozane Leal de Souza⁴

Resumo

A cadeia produtiva da olivicultura está em processo de crescimento no Brasil e os primeiros investimentos já estão começando a se adaptar ao novo território e ao mercado nacional e internacional. Uma vez que existem desafios competitivos, esse setor busca integração e especialização para suprir a demanda nacional, haja vista que o país é o segundo maior importador e a quase totalidade da produção é originária do entorno do mar Mediterrâneo, que apresenta condições de produção e situação de mercados diferentes das locais. Não foram encontrados artigos de comparação entre as viabilidades das produções e comercializações das duas regiões. Neste estudo exploratório, analisaram-se os custos e os preços pagos e recebidos na cadeia de olivicultura do sul do Brasil e da Espanha, utilizando-se dados secundários e atualizados. Concluiu-se que existem diferenças significativas nos rendimentos nos olivais e nos lagares, onde o Brasil possui desempenhos inferiores aos da Espanha, especialmente na produtividade de azeitonas (cerca de 1/3 menor) e nos índices de conversão da matéria-prima em azeite. Essas diferenças se confirmaram pelos indicadores de eficiência financeira das duas atividades econômicas. Igualmente se constatou que o subsídio de cerca de 1/3 no preço do azeite para o olivicultor espanhol representa uma ameaça à competitividade brasileira, especialmente com a possível eliminação de tarifas externas que normalmente se adotam nos processos de integração aduaneira, como se anuncia entre União Europeia e Mercosul.

Palavras-chave: produtividade, custos de produção, rentabilidade, competitividade, integração econômica.

Abstract

The olive growing production chain is in the process of growth in Brazil and the first investments are already starting to adapt to the new territory and the national and international market. Since there are competitive challenges, this sector seeks integration and specialization to meet the national demand, in view of the fact that Brazil is the second largest importer and almost all production originates around the Mediterranean Sea, whose production conditions and market situation differ from the local ones. No studies comparing the viability of the production and marketing of the two regions were found. This exploratory study analyzes the costs and prices paid and received in the olive growing chain of southern Brazil and Spain, using secondary and updated data. It was concluded that there are significant differences in yields in olive groves, where Brazil has lower performances than in Spain, especially in olive productivity (about 1/3 lower) and in the conversion rates of the raw material into olive oil. These differences were confirmed by the financial efficiency indicators of the two economic activities. Likewise, it is also observed that the subsidy of about 1/3 to the price of olive oil for the Spanish olive grower poses a threat to Brazilian competitiveness, especially with the possible elimination of external tariffs that are adopted in the processes of customs integration, as announced between the European Union and Mercosur.

Keywords: productivity, production costs, profitability, competitiveness, economic integration.

1 Introdução

A oliveira é uma das espécies frutíferas mais antigas utilizadas pelo homem. Acredita-se que os cultivos tenham iniciado com o desenvolvimento das civilizações no Mediterrâneo (TERAMOTO; BERTONCINI; PRELA-PANTANO, 2013). Atualmente, o seu cultivo ocupa 10,5 milhões de hectares em todo o mundo, dos quais 97,1% correspondem a áreas dos países da região de origem, sendo que apenas três deles (Espanha, Tunísia e Itália) detêm 50% desse total (FOOD AGRICULTURE AND ORGANIZATION, 2020). Os dois principais produtos oriundos desta planta são o azeite e as azeitonas de mesa.

Destaca-se que, no Brasil, o consumo anual de azeite é de 450 mililitros/habitante e 550 gramas/habitante de azeitona de mesa. As importações brasileiras de azeite de oliva e de

¹Mestrado Ciências Agrárias/ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - luiz.belarmino@embrapa.br¹

²Doutorado em Economia Aplicada/ Universidade de Granada - pabsdorf@ugr.es²

³Doutorando em Agronegócios/Universidade Federal do Rio Grande do Sul - lucasadm rural@gmail.com³

⁴Doutorado em Agronegócios/Universidade Federal do Rio Grande do Sul - angela.souza@ifrgs.br⁴



azeitonas de mesa aumentaram 12,4% durante a safra 2018/2019. As importações do país alcançaram 86.362 toneladas de azeite e 117.500 toneladas de azeitona de mesa, o que mantém a posição brasileira de segundo maior importador mundial desses dois produtos, que só é superada pelos Estados Unidos (EUA) (IOC, 2020). No caso do azeite, os principais mercados importadores são EUA (36%), União Europeia (UE) (14%), Brasil (8%), Japão (7%) e Canadá (5%) ou 70% da importação mundial (INTERNATIONAL OLIVICULTURE COUNCIL, 2020).

Segundo o Instituto Brasileiro de Olivicultura, a área atual cultivada com esta espécie no Brasil é de cerca de 10.000 ha. O país tem como seu principal produtor o Rio Grande do Sul (RS), com mais de 70% de área cultivada com oliveiras. Na safra 2018/2019, com uma área em produção de 1.500 hectares, foram colhidos 1.700.000 kg de azeitonas e produzidos 198.664 litros de azeite, embalados por 35 marcas comerciais geradas em 18 lagares. A produção atual de azeites no País ainda é pequena e típica de uma indústria nascente, mas já possui significativo destaque internacional pela qualidade dos azeites produzidos (COSTA, 2019).

Os recentes avanços no processo de integração comercial entre o Mercosul e a UE aumentou o interesse de agentes da cadeia produtiva no Brasil para quantificar a capacidade competitiva do produto nacional. Isso se deu, principalmente, em virtude do desconhecimento da capacidade desta cadeia competir com as importações e em função das políticas de abastecimento se orientarem pelos preços internacionais, optando-se entre produzir no país ou importar azeites e azeitonas. Atualmente, essa capacidade competitiva é ainda pouco analisada porque os volumes do Brasil são baixos e o mercado vem absorvendo tanto importações quanto produções locais. Todavia, com a elevação da produção nacional e a possível entrada do processo de união aduaneira entre os blocos, surgirão questionamentos sobre essas transações, especialmente pelo fato de o azeite extra virgem europeu receber subsídio de 0,90 centavos de Euros por litro (PENCO, 2020).

O objetivo deste estudo é analisar, de modo exploratório, os custos e preços pagos e recebidos, na cadeia da olivicultura, nas regiões do Sul do Brasil e na Espanha, com base em dados secundários. São realizadas análises de cenários competitivos da iminente cadeia da olivicultura brasileira. Assim, este estudo contribui com a literatura científica, no que se refere ao auxílio às tomadas de decisões de investimentos nessa cadeia e nas negociações futuras de integrações econômicas.

2 Referencial Teórico

A base conceitual deste ensaio exploratório se assenta sobre as dimensões da competitividade (FERRAZ; KUPFER; HAGUENAUER, 1995; PORTER, 1990) e da economia da integração (CUENCA, 2007). A integração e a interação de todos os fatores que compõem cada um desses aspectos (meta, macro, meso e micro) se constituem na denominada competitividade sistêmica. Por isso, Porter (1990) denominou esses fatores de elementos-chave das vantagens competitivas, na visão de desempenho coletivo, que se caracterizam por duas vertentes: a tradicional (competitividade como desempenho) e a forma estática (entendida como eficiência ou potencial).

Existem muitas outras utilizações do termo competitividade, sem aparente consenso sobre a sua definição. Na literatura, vem sendo empregado como desenvolvimento de estratégias individuais, habilidades para exercer a concorrência, capacidade de manter uma posição sustentável no mercado, de conquistar novos mercados e sobre a capacidade de atender com produtos de qualidade em mercados específicos (COUTINHO; FERRAZ, 2002). Neste estudo, no entanto, importa a competitividade diretamente relacionada ao desempenho, verificada em termos de eficiência, já que se pretende comparar os custos de produção de azeitonas e azeites (FERRAZ; KUPFER; HAGUENAUER, 1995).



Em geral, aspectos teóricos das avaliações de custos de produção e outras análises econômico-financeiras se baseiam em conceitos básicos (OLIVEIRA *et al.*, 2017; GUIDUCCI *et al.*, 2012) que envolvem: a) custo fixo anual (CFA); b) custo de mão de obra anual (CMO); c) custo dos insumos anuais (CIU); d) custo total (CT); e) receita bruta (RB); e) lucro bruto ($LB=RB-(CIU+CMO)$); f) lucro líquido ($LL=RB-CT$); g) lucratividade ($LV=LB/RB \times 100$); g) índice de margem de contribuição ($IMC=[(RB-CIU)/100]$); e h) ponto de equilíbrio ($PE=CFA/IMC$).

3 Procedimentos Metodológicos

As etapas dos sistemas de produção de azeitonas e azeites foram acompanhadas desde a reintrodução do cultivo das oliveiras no Brasil, em especial para se obter os custos e receitas quantificados economicamente, a partir dos coeficientes técnicos de alocação dos insumos e dos rendimentos obtidos no campo e na agroindústria. Utiliza-se, neste estudo, o método de orçamentação de Lopes *et al.* (2012) e os preços pagos e recebidos sempre consolidados nos mercados de origem e destino. As variáveis econômicas selecionadas para explicitar foram os Custos de Produção, Lucratividade, Viabilidade e Competitividade (GUIDUCCI *et al.*, 2012; LOPES *et al.*, 2012). O método da Matriz de Análise de Políticas - MAP (MONKE; PEARSON, 1989) serviu de suporte para a coleta, as estimativas e análises das variáveis das despesas efetivamente ocorridas em estabelecimentos representativos.

Este ensaio exploratório se apoiou em dados da FAO (2020) e da COMEXSTAT (2020), que atualizaram o panorama econômico do volume mundial produzido e das importações brasileiras de azeite e azeitonas. Estabeleceram-se alguns elementos de comparação com os dados secundários de Costa (2019) e Penco (2020), com a conversão dos valores de dólares americanos (US\$) para Euros (€), com cotações vigentes no mês de novembro de 2018. O câmbio à época estava na proporção de €\$ 1,00 para US\$ 0,84409.

Destaca-se que os sistemas de cultivos mais assemelhados entre as duas regiões foi o cultivo intensivo mecanizado com irrigação, o mais usado na Andaluzia, apesar de a Espanha possuir outros sistemas (PENCO, 2020). No Brasil, o procedimento experimental para coleta, análise e elaboração dos custos de produção foi o método da Matriz de Análise de Políticas (MONKE; PEARSON, 1989). Este método permite avaliações de custo de produção, lucratividade, viabilidade, competitividade, eficiência e efeito de políticas nas atividades econômicas da agricultura, pela contabilidade dos preços pagos e recebidos nos quatro elos de produção, a valores privados e sociais (LOPES *et al.*, 2012).

4 Resultados e Discussão

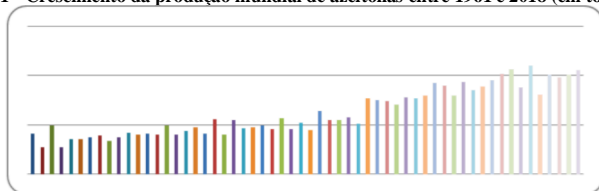
Os resultados da análise exploratória dos custos (estimação) e das receitas obtidos em fontes secundárias sobre a produção de azeitona e azeite no Brasil e Espanha foram divididos nos subcapítulos de volumes mundiais e brasileiro referentes às produções e comercializações; custos de produção no Brasil e rentabilidade (em €/ha e €/t azeite extra virgem); custos de produção de azeitonas e azeite na Espanha; e efeitos da Tarifa Zero entre Mercosul e União Europeia na olivicultura brasileira, via análise de eficiência econômica.

4.1 Produção mundial de azeite e importação do Brasil

As estatísticas da FAO (2020) mostram que a produção de azeitonas evoluiu de 8.205.586 t em 1961 a 21.066.062 t em 2018, um crescimento de 256,73% em 58 anos, o que corresponde a uma taxa de crescimento de 4,43% ao ano, conforme mostra a Figura 1.



Figura 1 - Crescimento da producao mundial de azeitonas entre 1961 e 2018 (em toneladas)



Fonte: FAO (2020).

Verifica-se um contnuo crescimento da producao de azeitonas durante as ultimas seis decadas (Figura 1). A partir dos anos 2000, perceberam-se algumas oscilacoes ocasionadas por fatores climaticos adversos, observados nos paises lideres localizados ao redor do mar Mediterraneo (Tabela 1).

Tabela 1 - Producao mundial de azeite entre 2000 e 2014 (em toneladas).

Ano	Mundo	Espanha	Italia	Grécia	Tunisia	Marrocos	Turquia	Portugal	Algeria
2000	2.522.970	962.400	507.400	408.375	115.000	40.000	185.000	25.974	30.488
2001	2.666.698	1.412.100	573.500	302.230	30.000	35.000	65.000	34.950	26.200
2002	2.431.375	836.902	574.950	381.620	72.000	60.000	160.000	31.050	22.500
2003	3.100.683	1.449.071	600.482	374.903	280.000	45.000	80.000	36.498	24.300
2004	2.911.733	1.005.461	794.559	321.338	130.000	100.000	145.000	50.066	57.600
2005	2.568.862	819.428	671.315	386.385	210.000	50.000	115.000	31.817	34.694
2006	2.922.481	1.092.602	603.253	385.552	180.000	75.000	137.000	51.847	32.017
2007	2.765.184	1.192.664	574.261	318.201	200.000	75.000	142.700	35.257	21.795
2008	2.690.230	1.044.687	607.000	328.273	160.000	75.000	99.500	58.742	36.400
2009	3.012.749	1.384.383	517.460	305.000	150.000	111.600	145.600	68.185	50.000
2010	3.169.031	1.395.210	526.778	306.900	174.600	146.700	162.600	68.683	39.900
2011	3.389.835	1.567.523	541.760	357.200	112.400	133.500	184.200	83.191	57.900
2012	2.488.150	652.687	505.915	331.946	192.600	120.100	206.300	76.500	48.200
2013	3.506.814	1.765.248	463.700	298.800	188.500	117.900	187.900	99.985	64.700
2014	3.050.390	1.738.600	294.914	208.900	179.700	137.400	73.915	66.532	52.400

Fonte: FAO (2020).

No que se refere as importacoes brasileiras, no ano de 2019, evidenciadas na Tabela 2, essas indicaram um preo internacional de US\$ 4,54 por tonelada de azeite de oliva extra virgem (NCM numero 150910). O preo medio das azeitonas no mercado exterior, nesse ano, foi de US\$ 0,88 por tonelada (NCM numero 200570).

Tabela 2 - Importacoes brasileiras de azeite e azeitonas entre 2010 e 2019

	Azeite		Azeitona	
	US\$/FOB	Volume (em Kg)	US\$/FOB	Volume (em Kg)
2019	354.555.377	78.088.088	100.290.563	113.463.177
2018	381.986.474	68.760.285	88.185.383	96.022.877
2017	292.130.168	52.077.645	101.822.557	104.127.823
2016	241.217.504	48.000.355	104.521.136	94.337.900
2015	223.943.750	44.792.304	96.926.189	86.785.858
2014	291.782.090	58.243.864	133.092.335	107.597.235
2013	296.707.156	54.458.787	124.321.505	102.765.136
2012	245.761.043	55.899.065	119.001.780	100.234.420
2011	225.260.790	48.061.828	121.942.471	92.957.947
2010	179.153.961	39.629.492	125.722.924	84.502.485

Fonte: COMEXSTAT (2020).



Observa-se, na Tabela 2, que os volumes físicos das importações, no ano de 2019, revelaram maiores volumes comprados de azeitonas (113.463 t) do que de azeite (78.088 t). No entanto, os gastos de importação com azeite (US\$ 354.555.377,00) foram, aproximadamente, três vezes maiores do que com azeitonas (US\$ 100.290.563,00).

4.2 Custos de produção no Brasil e rentabilidade em €/ha e €/t azeite extra virgem

As comparações entre as duas produções foram realizadas pelas aproximações de custos obtidas em publicações recentes e ajustadas ao Euro do mês de novembro de 2018 (Tabela 3).

Tabela 3 - Custos e despesas (em €/ha) da produção de azeitonas no Brasil (estimativas).

Grupo de Custo	€/ha	%GG*	%GT*
A- Insumos Variáveis (Custo total parcial)	574,69	100	52,55
Matéria orgânica	67,56	11,70	6,15
Fungicida	2,12	0,37	0,19
Cobre	0,84	0,15	0,08
Piret	1,13	0,19	0,1
Enxofre	2,76	0,48	0,25
Nitrato	17,64	3,14	1,61
Adubo super simples	19,84	3,45	1,81
Calcário	88,18	15,34	8,06
Diesel	128,60	22,38	11,74
Irrigação	165,34	28,77	15,12
Fungicida nativa	69,66	12,12	6,37
Cálcio e boro	6,17	1,07	0,56
Inseticidas	4,85	0,84	0,44
B- Grupo Mão de Obra (Custo total parcial)	69,90	100	6,38
Permanente	5,91	8,45	0,53
Temporária	48,19	68,94	4,41
Administração	15,49	22,17	0,77
Assistência técnica	0,31	0,44	0,67
C- Grupo Permanentes (Custo total parcial)	449,26	100	41,07
Terra	158,73	35,33	14,52
Implantação do olival	158,73	35,33	14,50
Construções rurais	23,56	5,24	2,15
Máquinas/tratores	80,72	17,97	7,38
Implementos/equipamentos	27,53	6,13	2,52
Gastos totais (Custo A+B+C)	1.093,56		100

Nota: Respectivos percentuais no gasto total do grupo (%GG) e na produção (%GT)
Fonte: Costa (2019).

Estes gastos foram obtidos com a inclusão dos custos completos (Tabela 4), conforme Lopes *et al.* (2012). Trata-se da média obtidas entre dois estabelecimentos representativos do RS, conforme metodologia de Monke e Pearson (1989), mas com o mesmo sistema de cultivo.

**Tabela 4 - Lucros e custos privados e sociais das atividades da cadeia produtiva do azeite de oliva extra virgem no Brasil (valores expressos em €/t).**

Item	1º Elo (Produção ou Olival)	2º Elo (Transporte da produção até a industrialização)	3º Elo (Industrialização ou Lagar)	4º Elo (Transporte da industrialização até o varejo)
1. Valor do produto	3.321,90	3.321,90	11.022,91	11.043,08
A. Produto principal	3.321,90	3.321,90	11.022,91	11.043,08
B. Produto secundário	-	-	-	-
2. Custos dos insumos	3.313,81	3.323,56	9.941,44	11.038,08
A. Matérias-primas	-*	3.321,90	3.321,90	11.022,91
B. Transacionáveis	1.740,58	1,15	6.291,87	19,50
C. Fatores de produção	1.573,23	0,51	327,66	4,68
II. Trabalho	211,83	0,32	198,41	2,93
III. Capital e terra	1.361,40	0,19	63,11	1,76
3. Lucros	-	-	-	-
A. Antes dos impostos	8,09	(1,66)	1.081,47	5,00
B. Impostos diretos	-	(0,19)	-	0,57
C. Lucros após impostos	8,09	(1,85)	1.079,55	4,42

Fonte: Costa (2019).

Os custos e receitas obtidos no Brasil também foram calculados para o total da cadeia, (os elos descritos na Tabela 4). Entretanto, na Tabela 5, estão expressos os lucros de todo o sistema, haja vista que o terceiro elo não considerou o preço final no varejo. Essa é a razão da diferença entre os preços no Brasil. Igualmente, ressalta-se que as metodologias de cálculos de custos foram diferentes entre os países em estudo. Por essa razão, a comparação da Tabela 8 (apresentada na sequência) propicia a geração de indicadores da eficiência financeira das atividades, evitando a adoção de valores nominais.

Tabela 5 - Matriz contábil da cadeia produtiva do azeite de oliva extravirgem no Brasil (valores expressos em €/t de azeite de oliva extra virgem).

	Receita	Custos		Lucro
		Insumos Comercializáveis	Fatores Domésticos	
Preços Privados	36.413,47	11.179,95	5.816,25	19.408,45
Preços Sociais	36.421,66	10.940,73	3.198,87	22.282,04
Divergências	(8,18)	248,02	2.617,38	(2.873,59)

Fonte: Costa (2019).

As divergências entre custos privados e sociais, evidenciadas na Tabela 5, referem-se, principalmente, à alta carga tributária brasileira sobre a cadeia e à taxa de juros doméstica, superior à do mercado internacional, refletindo o custo país. Similarmente, dizem respeito aos altos preços dos insumos e à alta imobilização de capital (COSTA, 2019).

4.2 Custos de produção de azeitonas e azeite na Espanha

A província de Jaén, na Espanha, é a maior produtora mundial de azeite de oliva, chegando a 17% do total produzido no mundo, 43% da Espanha e 51% da região da Andaluzia. O volume de negócios que apresenta o setor oleícola mundial oscila entre €\$ 8.500 e €\$ 10.600 milhões anuais, empregando mais de 30 milhões de pessoas (VILAR; VELASCO, 2008; VELASCO, 2014).

Na sequência, as Tabelas 6, evidencia os custos de produção de azeitonas na Espanha e, a Tabela 7, expressa os valores referentes à produção, preços e rendimento nesse país, evidenciando os efeitos da ajuda direta (subsídio) aos olivicultores, para permitir rentabilidade (e continuidade) à produção de azeite extra virgem na Europa.

Tabela 6 - Custos no sistema de produção tradicional de azeitonas mecanizado na Espanha (em €/ha).



Item	Custos €/ha	% do CT sem Irrigação	% do CT com Irrigação	Observação
Podas	131,10	7,69	5,52	Poda de renovação, 28.0 h/ha c/2 anos.
Restos da poda	77,97	3,28	3,28	14 h + 0,7 h trator-picador c/2 anos.
Desbaste	57,53	3,37	2,01	6,5 h/ha /ano.
Cultivo solo	403,28	23,65	16,98	Cultivo mínimo e cobertura espontânea.
Fertilização	155,41	9,11	6,54	1/3 custo, 3 aplicações (42,18 €/ha) + adubo foliar.
Pragas	179,86	10,55	7,57	2/3 custo 3 aplicações (42,18 €/ha) + produtos.
Irrigação	460,04	-	19,37	Dotação 1.500 m ³ . Custo: 2.533 €/ha + materiais.
Colheita sem irrigação	700,04	42,35	-	3.500 kg/ha. Vibrador de ramos com vara e mantos ajudados; 0,20 €/kg azeitona.
Colheita com irrigação	920,00	-	38,73	6.000 kg/ha; 0,15 €/kg de azeitona.
Total sem irrigação	1.705,14	100	-	-
Total com irrigação	3.085,23	-	100	-

Fonte: Penco (2020).

Tabela 7 - Custos e preços (em €) da produção de azeite obtidos na Espanha em 2020.

Cultivo intensivo	Custo €/ha	Produção azeitona-kg	Custo €/kg azeitona	Custo (€) moagem	Rendimento do azeite	Custo €/kg aceite*	Preço (€) limite**
Sem irrigação	1.705,14	3.500	0,49	0,04	20%	2,64	3,16
Com irrigação	2.375,18	6.000	0,40	0,04	29%	2,18	3,62

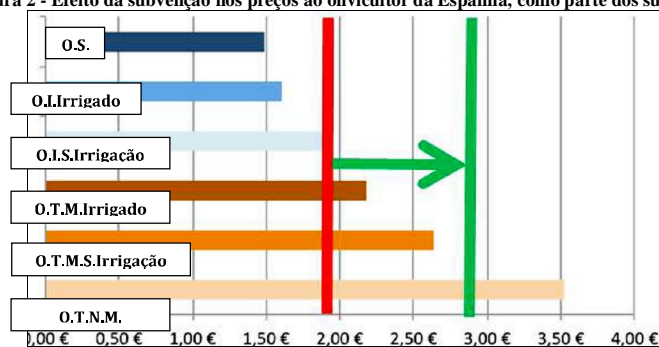
Notas: *Com preços do azeite na origem abaixo desses limites, o olivicultor espanhol perde dinheiro.

**Este seria o preço necessário na origem e azeite a granel para obter lucro empresarial de 20% sobre os custos.

Fonte: Penco (2020).

Para uma melhor visualização, a Figura 2 indica o efeito do subsídio da Comunidade Europeia aos produtores de azeite, um aporte de €\$ 0,90/kg (PENCO, 2020), de modo a tornar competitiva a produção. Esse preço se transmite aos consumidores e também atinge o mercado brasileiro, que importa 99% do consumo doméstico.

Figura 2 - Efeito da subvenção nos preços ao olivicultor da Espanha, como parte dos subsídios.



Nota: Dados segundo os custos de produção médios de cada tipo de cultivo: O.S., olival superintensivo; O.I.Irrigado, olival intensivo irrigado; O.I.S.Irrigação, olival intensivo sem irrigação; O.T.M.Irrigado, olival tradicional mecanizado irrigado; O.T.M.S.Irrigação, olival tradicional mecanizado sem irrigação; O.T.N.M., olival tradicional não mecanizado.

Fonte: Penco (2020).



Ao se considerar como base de comparação os custos de produção em cada sistema de cultivo de azeite na Espanha, onde o sistema mais próximo do conduzido até o momento no Brasil é o "O.T.M. riego", a ajuda direta de €\$ 0,90 por kg de azeite eleva os preços ao consumidor final em quase 1/3, o que a Figura 2 demonstra graficamente (seta entre linhas). Penco (2020) afirma que o efeito da atual subvenção cobre os custos do azeite na origem, com uma pequena margem de lucro, para os sistemas de cultivo tradicional mecanizado, tanto com quanto sem irrigação, representando mais de 71% da histórica produção espanhola.

4.4 Efeitos da Tarifa Zero entre Mercosul e UE na olivicultura brasileira

O cálculo de indicadores financeiros permitiu verificar significativas diferenças entre os desempenhos econômicos do Brasil e da Espanha. Essas diferenças na remuneração dos fatores domésticos e retornos aos investimentos dos empreendedores se devem, essencialmente, pela diferença de rendimento obtida nos olivais.

Tabela 8 - Análise financeira da produção de azeitona e azeite no Brasil e Espanha.

Item	Azeitona		Azeite	
	Brasil	Espanha	Brasil	Espanha
Implantação pomar (€\$) (I)	2.475,36	3.396,40	82.429,52	*-
Rendimento (kg/ha) (R)	1.950	6.000	-	-
Receita bruta (€\$) (A)	3.321,90	6.000,00	11.022,91	2.770,00
Custos fixos (€\$) (B)	1.573,23	-	327,66	-
Custos variáveis (€\$) (C)	1.740,58	-	9.614,77	-
Custo total (€\$) (D)	3.313,81	2.375,18	9.941,44	2.180,00
Lucro bruto (€\$) (A-D=E)	8,09	3.624,82	1.081,47	590,00
Lucratividade (%) (E/A*100=D)	0,24%	60,41	9,81	21,29
Custo de produção de 1 kg (€\$) (D/R=E)	1,69	0,39	-	2,18
Coefficiente de eficiência (A/D)	1,002	1,66	1,11	4,69
Taxa de acumulação (%) (E/I*100)	0,33	93,69	1,31	-
Período de <i>payback</i> (I/E)	305,98	0,94	76,22	-

* Nota: Na Espanha, considerou-se aqui que já foram realizadas as implantações/industrialização.

Fonte: Costa (2019) e Penco (2020).

A análise competitiva dos distintos modos de cultivo de oliveiras na Província de Jaen foi amplamente detalhada por Vilar e Velasco (2008), com ênfase nos fatores que qualificam a capacidade de competir, conforme a abordagem de Porter (1990). Entre as conclusões destacadas estão os processos de elevação de escala das empresas de azeite da Espanha, com objetivo de: (a) concentrar a oferta e evitar a fragmentação do setor; (b) obter maior escala; e, (c) aumentar o *market share* no mercado internacional. As comparações entre os preços pagos e recebidos no Brasil e na Espanha foram pelos respectivos percentuais que cada item de despesa no custo de produção, pois a comparação nominal não é possível com os dados presentes em Costa (2019) e Penco (2020), tendo em vista que os estudos usaram diferentes metodologias.

As tendências observadas para os custos do azeite brasileiro sinalizam uma possível queda de preços recebidos pelos produtores, por terem sido revelados os preços do mercado internacional pelas médias das importações brasileiras, pois o valor calculado foi de US\$ 4,55 por litro, muito inferior ao preço obtido pela produção nacional. Outro aspecto que merece ser discutido e aprofundado é a análise dos preços subsidiados com pagamentos diretos aos olivicultores espanhóis de €\$ 0,90. Este valor é pago para garantir a remuneração dos produtores de azeite, já que os valores verificados para os custos de produção são maiores do que os ofertados pelos agentes de mercado.

Além disso, os valores apurados até agora no Brasil são próprios de uma indústria nascente, e o produto obtido ainda é novidade no mercado nacional, embora possua maior



frescor e aromas pronunciados, muitas vezes superiores aos produtos importados. Por esses aspectos, além das fraudes observadas para algumas marcas comerciais conhecidas no mercado (TOOGE, 2019), os preços são maiores. Existe a possibilidade de reduções significativas de preços pagos pelo azeite, especialmente pela maior concorrência entre as marcas nacionais e crescente substituição das importações. Esses processos de aumento da produção nacional e de competição com os azeites do mediterrâneo serão balizados por informações sobre qualidade intrínseca do azeite, idade e segurança do produto e imposições de barreiras tarifárias e não-tarifárias pelos governos dos países do Mercosul e da UE.

5 Conclusões

Este estudo objetivou realizar uma análise exploratória dos custos e dos preços da cadeia da olivicultura, nas regiões sul do Brasil e da Espanha, com base em dados secundários. Estimou-se que o Brasil ainda possui desempenhos inferiores aos de Espanha, especialmente na produtividade de azeitonas (cerca de 1/3 menor) e nos índices de conversão da matéria-prima em azeite. Essas diferenças se confirmaram na avaliação dos indicadores de eficiência financeira das duas atividades econômicas que ocorrem nessas regiões. Desse modo, observou-se um diferencial competitivo que favorece a produção de azeitonas e de azeite de oliva na Espanha, onde essa cultura está tradicionalmente inserida.

No que se refere aos elos da cadeia produtiva brasileira, embora os custos (€/ha) da produção no país sejam menores que os da Espanha, quando comparados aos preços privados e sociais nacionais, verificaram-se divergências relacionadas, principalmente, à alta carga de impostos, encargos sociais e taxa de juros (doméstica) superior à taxa do mercado internacional, um reflexo do custo Brasil. Entretanto, a cadeia da olivicultura é promissora no Brasil, possuindo qualidade similar tanto nas azeitonas quanto no azeite e oliva e, em alguns casos, superior à da Espanha (TERAMOTO; BERTONCINI; PRELA-PANTANO, 2013; VELASCO, 2014; COSTA, 2019; IOC, 2020).

Neste estudo, observou-se que a produção brasileira é crescente desde 1961, com expansão significativa nos últimos 20 anos. Mesmo assim, constatou-se um crescimento contínuo significativo, desde 2010, das importações brasileiras de azeite de oliva. Em valores monetários, elas passaram de cerca de US\$ 180 milhões para US\$ 355 milhões, em 2019, sinalizando um potencial mercado no Brasil.

O terceiro elo da cadeia de olivicultura brasileira (industrialização) é o que apresenta um lucro promissor, demonstrando a importância da agregação de valor nesse setor agroindustrial brasileiro. Conclui-se que o subsídio de cerca de 1/3 do preço do azeite para o olivicultor espanhol representa uma ameaça à competitividade brasileira. Isso ocorre especialmente diante da possibilidade de eliminação de tarifas externas, adotada nos processos de integração aduaneira, fato que poderá se realizar entre UE e Mercosul.

Por fim, entende-se que a exploração dos dados secundários permitiu obter informações relativamente novas e projeções sobre os fatores competitivos, destacando-se a posição tarifária que alterou os preços praticados pelos dois blocos. Essas realidades exigirão vigilâncias constantes das autoridades responsáveis pelas políticas agrícolas em ambas as regiões. Aponta-se a necessidade de estudos futuros, com a utilização de dados primários (no Brasil e na Espanha) e de metodologias de cálculos de custos e receitas. Para fins comparativos, sugere-se que estas sejam coletadas simultaneamente nos dois blocos, de modo a explicitar as respectivas competitividades.



Referências

- COSTA, L. T. **Desempenho competitivo da cadeia produtiva do azeite de oliva extravirgem no Rio Grande do Sul.** (Dissertação de Mestrado em Agronegócios). Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2019. 97 p.
- COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C.. **Estudo da competitividade da indústria brasileira.** Campinas: Papiros e Editora da Unicamp, 2002. 374 p.
- COMEXSTAT. **Importação e Exportação Geral.** 2020. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>. Acesso em: 12 set. 2020.
- CUENCA, E. G. **Economía de la Unión Europea.** Madrid-Espanha, Pearson Educación, 2007. 609 p.
- FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION. **FAOSTAT. Data Crop.** 2020. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>>. Acesso em: 12 set. 2020.
- FERRAZ, J. C.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria.** 2.ed., Rio de Janeiro-RJ, Campus, 1995. 436 p.
- GUIDUCCI, R. C. N.; LIMA FILHO, J. R.; MOTA, M. M. **Viabilidade econômica de sistemas de produção agropecuários. Metodologia e estudos de caso.** Brasília-DF, Embrapa, 2012. 535 p.
- INTERNATIONAL OLIVICULTURE COUNCIL. **World Olive Oil Figures.** 2020. Disponível em: <<http://www.internationaloliveoil.org>>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- LOPES, M. de R.; BELARMINO, L. C.; OLIVEIRA, A. J.; LIMA FILHO, J. R.; TORRES, D. R. P.; TALAMINI, D. J. D.; MARTINS, F. M. **Matriz de Análise de Política. Metodologia e Análise.** Brasília-DF, Embrapa, 2012. 227 p.
- MONKE, E; PEARSON, S. R. **Policy Analysis for Agricultural Development.** Ithaca and London: Cornell University, 1989. 220p.
- OLIVEIRA, I. P.; BELARMINO, L. C.; BELARMINO, A. J. Feasibility of production system of strawberry in semi-hydroponic recirculating. **Custos e @gronegócio online**, Recife-PE, 13:1, p. 315-332. 2017.
- PENCO, J. M. V. **Aproximación a los costes del cultivo del olivo. Desarrollo y conclusiones del estudio AEMO. Actualizado a junio 2020.** Madrid-Espanha, Asociación Española de Municipios del Olivo-AEMO, 2020. 56 p.
- PORTER, M. E. **The competitive advantage of nations.** New York-EUA, The Free Press, 1990. 875 p.
- TERAMOTO, J. R. S.; BERTONCINI, E. I.; PRELA-PANTANO, A. Mercado dos produtos da oliveira e os desafios brasileiros. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 24- 32, 2013.
- TOOGE, R. Governo suspende a venda de lotes de mais 32 marcas de azeite de oliva fraudado. **G1**, Rio de Janeiro-RJ, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/10/02/ministerio-da-agricultura-suspende-venda-de-33-marcas-de-azeite-de-oliva-fraudado.ghtml>>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- VELASCO, M. del M. G. **Análisis competitivo de los distintos modos de explotación olivarera. Alternativas viables para el cultivo tradicional.** Jaen-Espanha, Universidad de Jaen, 2014. 372 p.
- VILAR, J.; VELASCO, M. M. El sector de elaboración de aceite de oliva: consideraciones generales y tendencia actual. **Oleo**, Madrid-Espanha, 128, p. 44-51. 2008.